

2. 11 de Setembro de 2001, entre a Memória e a Dor: As Exposições da Sociedade Histórica de New York

Janaina Cardoso de Mello^I
Estefanni Patrícia Santos Silva^{II}

O artigo busca evidenciar as exposições da Sociedade Histórica de New York dedicadas ao 11 de setembro de 2001, discutindo a memória da dor, a comunicação museológica e a recepção do público. Para fixar um lugar de memória, o museu, que realizou 17 exposições sobre esse fato anunciou mais uma exposição no circuito cultural norte-americano de 8 de setembro a 1º de abril de 2012, composta por fotografias dos ataques às Torres Gêmeas. Montadas para relembrar a dor e proporcionar reflexões acerca do trágico, as exposições atingem seus objetivos junto a maioria dos visitantes. Ao evocar a dor também atuam no fortalecimento da nação, ao afirmar sua “vocação” para curar as feridas e prosseguir com relativo heroísmo de quem sobrevive   um destino adverso. O espaço expositivo, o circuito da visita, o cenário, a ilumina  o, as vitrines compõem elementos que permitem ver as exposi  es como representa  es sociais do tempo presente na formula  o de sentidos da interpreta  o individual e coletiva.

Palavras-chave: Sociedade Histórica de New York, exposi  es, dor, memória.

The article seeks to highlight the exhibits of the New York Historical Society dedicated to the memory of September 11, 2001, discussing the pain, the Museum communication and public reception. To fix a place of memory, the Museum, which was held 17 exhibitions about this fact announced more an exhibition at the cultural circuit, 8 September to April 1, 2012, composed by photographs of the attacks on the Twin Towers. Assembled to remember the pain and provide reflections on the tragic, the exhibitions reach their goals with the most visitors. To evoke the pain also operate in the strengthening of the nation, saying his “vocation” to heal the wounds and continue on heroism of who survives an adverse fate. The exhibiting space, the circuit of the visit, the scenery, lighting, the showcases comprise elements that let you see the exhibitions as social representations of present tense in the formulation of individual and collective senses of interpretation.

Keywords: New York Historical Society, exhibitions, pain, memory.

Introdução

No dia 25 de Julho de 2011,^{III} numa segunda feira, a Sociedade Histórica de Nova York anunciou nos sites jornalísticos que lembrará o 10º aniversário dos trágicos atentados de 11 de setembro de 2001 com uma exposição. Nesta, centenas de fotografias e imagens da cidade durante o dia que chocou o mundo estarão em exibição.

Kenneth Jackson, professor de História e ex-presidente do museu, lembrou que nos meses posteriores ao 11/9, a Sociedade Histórica de Nova York recolheu muito material sobre esses fatos, já que consideraram que fazia parte da responsabilidade da instituição para preservar a memória e a história da cidade.^{IV}

Com o objetivo de aproximar as recordações e consolidar espaços dedicados à memória das pessoas atingidas diretamente nos atentados (aproximadamente 3.000 pessoas morreram) são realizadas exposições com objetos, fotografias e diversos documentos resultantes dos desabamentos.

Através de diversos ângulos o público irá “reviver” visualmente um dos acontecimentos que marcou a história do tempo presente nos Estados Unidos, um momento que abalou a economia, a política e a cultura dos que trabalhavam próximos as Torres Gêmeas, sobretudo, os familiares das vítimas dos atentados.

Norteados pela iconografia, o público que visitará o espaço expositivo observará o contemporâneo episódio dos atentados às Torres Gêmeas, através de uma seleção de fotografias representativas da memória da dor, produzidas por profissionais ou/e amadores, cujas lentes capitaram o imediato impacto do choque das duas aeronaves contra as torres, entre outros focos que os detentores das imagens irão apresentar na proposta cenográfica. A exposição terá o início no dia 8 de setembro e se prolongará até 1º de abril de 2012, conforme foi comunicado pelo museu.



De acordo com a instituição, muitos materiais que serão exibidos procedem de outra mostra anterior como a intitulada “Aqui está Nova York: Uma democracia de fotografias”, à qual se acrescentarão cartas escritas aos agentes da Polícia e do serviço de bombeiros que participaram do resgate. Além disto, haverá a exibição de muito objetos que fizeram parte dos altares improvisados que a sociedade local dedicou às vítimas da tragédia como relicários da saudade.

O Museu, preocupado em salvaguardar registro dos atentados tem exposto, no decorrer destes dez anos, diversos focos a respeito deste acontecimento, propondo sensibilizar a todos que o visitam, e, sobretudo não deixar que ocorra o esquecimento deste trágico momento vivenciado pelos nova-iorquinos

A Sociedade Histórica de New York e a guarda da memória

Localizada no coração da cidade de New York, na parte oeste do Central Park, a “Sociedade Histórica de New York” congrega um museu e uma livraria com um acervo composto por 2 milhões de manuscritos, 500 mil fotografias, 400 mil cópias, dentre outros, desenvolvendo vários programas educacionais voltados para a divulgação da história da cidade cobrindo desde o período colonial ao tempo presente, abrangendo as guerras, história militar e naval norte-americana, os movimentos religiosos dos séculos XVIII e XIX, o comércio escravagista e escravidão nos Estados Unidos, a Guerra Civil, biografias e genealogias americanas, arte americana, mecenato artístico, o desenvolvimento da arquitetura americana do final do século XVIII, as fotografias documentais da cidade de New York e as organizações de caridade que atendem desabrigados, viúvas e órfãos.

Com mais de 200 anos de fundação a instituição acondiciona na Biblioteca Patricia D. Klingenstein três grandes coleções, distribuídas da seguinte forma:

Impressos: contendo publicações relativas a Nova York e a história americana com 350 mil livros e panfletos; 10.000 títulos de jornal; 18.000 broadsides; mais de 10.000 mapas e atlas ; 15.000 partituras; 10.000 menus de jantar, e mais de 500 arquivos de hotel.

Materiais Gráficos: com impressões (gravuras e litografias), fotografias, coleções de arquitetura e ephemera (cartões comerciais e outros anúncios, panfletos, partituras e outros



artigos de papel). For further assistance see the specific material descriptions or contact a librarian.

Manuscritos: possuindo mais de 2 milhões de itens em material de arquivo, incluindo papéis da família, de registros organizacionais e de negócios que documentam a vida de importantes nova-iorquinos, bem como cidadãos comuns americanos. The bulk of the manuscript collections are from the 18th and 19th centuries, but we also have important materials from the 17th century and a growing number of 20th and 21st century collections. A maior parte da coleção de manuscrito data dos séculos XVIII e XIX, mas também há materiais importantes do século XVII e um número crescente de coleções do século XX e XXI.

A instituição aplica projetos educativos junto à professores, estudantes, crianças (possuindo um Museu da Criança) desenvolvido no âmbito de programas docentes, do Instituto de História Constitucional, do projeto “aprender família”, de projetos musicais, estágios, pesquisas e visitas guiadas.^V

Tendo a expectativa de fixar um ambiente dedicado à memória do acontecimento, o museu, que desde então realizou 17 exposições sobre esse fato que comoveu os Estados Unidos e já possui um caráter de longa duração, acrescentou que também serão incluídos na mostra os projetos do memorial nacional de 11 de setembro, obra dos arquitetos Michael Arad e Peter Walker.^{VI}

Muitos, preocupados em encontrar os corpos de seus entes queridos que estivessem no World Trade Center ou nos locais próximos, ao verem as exposições dedicadas ao 11 de setembro de 2001, se refugiavam nestes eventos vendo os objetos, as fotografias, enfim, as recordações acondicionadas principalmente em instituições públicas voltadas à preservação da memória, bem como de coleções particulares, os registros diante de documentos, peças, vestimentas, enfim, resultados das buscas feitas nos escombros dos edifícios após os atentados.^{VII} Segundo Jacques Le Goff: “a memória como propriedade de conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de informações passadas, ou que ele representa como passadas” (1996, p.423).

Frente à multiplicação de idéias que surgiram no curso destes dez anos, conclusões realizadas sobre os ataques, pronunciamentos políticos a respeito dos interesses ideológicos de quem



esteve por trás da tragédia; as imagens e as peças comunicam sobre os efeitos subjetivos e objetivos decorrentes dos atentados à nação atingida. Sobre os diferentes suportes que existe no resgate à memória, Nilson Moulin Louzada escreveu:

Em relação aos suportes relativamente novos (séculos XIX-XX), tomemos em consideração o caso da fotografia (...). Contudo, para a produção da memória nacional ou de quaisquer outras com algum nível e institucionalidade, são ‘eleitos’ poucos fotógrafos, segundo critérios políticos (fatos e personagens rigorosamente enquadrados, selecionados e legendados) e estéticos (a codificação de enfoques e estilos tampouco é casual e muito menos a sua aceitação/difusão pelo mercado) (1991, p.15).

A preocupação que deveria permear os observadores da exposição diante das peças que visualizam, os textos que lêem, os questionamentos a respeito dos acontecimentos, nem sempre acontecem com as pessoas que a visitam, e por isso, saem com percepções distintas sobre o assunto exposto a partir do que escutam e vêem, resignificando de acordo com sua própria bagagem experiencial aquela mensagem recebida.

Com o discurso nostálgico e repleto de ressentimentos, as exposições que aconteceram, são preparadas para atingir as lembranças da revolta e da dor que há nos estadunidenses sobre a destruição das Torres Gêmeas. A cultura material exposta é traduzida pelas chaves encontradas do World Trade Center, botas de bombeiros que fizeram parte do resgate, entre outras peças que remetem ao acontecido. Diante deste ato, o ambiente proporciona ações de conservação e proteção da informação, documenta os esforços para o resgate de restos humanos e objetos pessoais que se encontravam nas proximidades das Torres Gêmeas, constituindo um “lugar de memória” que para Pierre Nora é essencialmente “material, simbólico, funcional” (1993, p.21).

Sendo montadas com o intuito de relembrar a dor, de proporcionar reflexões acerca do trágico; as exposições atingem seus objetivos junto a maioria dos visitantes. Aliada a essa perspectiva a ida ao marco Zero (local onde ficavam as Torres) evoca nas pessoas emoção vinculada aos objetos de memória dos que se foram.



Mas ao mesmo passo que evoca a dor, esse sentimento também pode atuar no fortalecimento de uma nação, ao firmar sua “vocação” para curar suas feridas e seguir adiante com relativo heroísmo de quem sobrevive   um destino adverso. Marilena Chauí, afirma: “A memória, seja como história da sociedade seja como cr  nica das classes sociais e de seus homens ilustres, tem o papel de nos liberar do passado como fantasma, como fardo, como assombra  o e como repeti  o” (1991, p.52).

A importância que existe na divulga  o das peças que remontam a algo ou a alguém, seja em qual caráter for, reside na preocupa  o em suscitar no visitante uma formula  o identitária ou crítica a partir da observa  o, não apenas da est  tica apresentada, mas, sobretudo, do assunto discutido, não precisando que o visitante especificamente aceite o discurso propagado no elo expositivo, mas que seja sensibilizado pela memória trabalhada.

A contradi  o entre o caráter temporário em muitas destas exposi  o  es sobre o 11 de setembro e ao mesmo tempo sua recorrência faz com que o visitante experimente uma nova oportunidade de ver, talvez, mesmas peças em diferentes contextos, com novos métodos de exposi  o, ilumina  o e etiquetagem. Nestas situa  o  es algumas destas peças, prestes   fazer parte de uma cole  o permanente, dialogam com o público através de imagens iguais ou semelhantes de um mesmo fato. Todavia, por estarem em ângulos diferenciados, mesmo exercendo a comunica  o de um mesmo acontecimento, oportunizam vis  o  es diferenciadas. As exposi  o  es possuem este potencial na propaga  o do acontecimento.

Com a preocupa  o de enfatizar a frieza da forma como o mentor dos atentados (Osama Bin Laden) a curadoria da exposi  o que retrata o 11 de setembro, remonta os documentos e as insígnias, de forma com que o público se sinta comovido e revoltoso com as mortes de um quantitativo enorme de civis distantes dos fronts de batalha. Para provocar concomitantemente estes sentimentos são reunidas as peças que mais remetam as mortes, ou seja, os fragmentos encontrados no local. Instaura-se então um “culto mortu  rio” e ao se deparar com esse t  pos, o público se choca, recorda e inunda-se no discurso proposto pela institui  o mantenedora do projeto expográfico.

A cenografia reforça o calculismo de quem planejou o atentado, as manchetes da imprensa produzidas no calor do momento auxiliam na melancolia que inunda os visitantes, mas além de tudo isto, os vestígios encontrados nos escombros (aglutinando a rememora  o de dias de



buscas, investigações e acompanhamento da população, principalmente dos parentes das vítimas que não foram encontradas) comunicam ainda mais ao público o acontecido (pois ele está observando frente a frente os símbolos que estavam presentes no local). Desse modo, as peças congregam um poder simbólico em despertar os sentimentos nos visitantes, ainda mais quando os mesmos estão vendo o que restou diante das lembranças materiais da pessoa ou pessoas que perderam. Sob esse aspecto Teresa Scheiner afirma que:

Exposições são o espelho e a síntese dos caminhos que o Homem vem trilhando na marcha da Evolução. (...) Muitas vezes as exposições são ‘espelhos deformantes’, que mostram a realidade não como podem ser devidamente percebidos como tal pela sociedade, ou por alguns indivíduos. Mas, nítidas ou não como espelhos, as exposições são muito claramente a imagem e a voz do museu (1991, p.1).

A instituição responsável pela transmissão do assunto que é tema de uma exposição deve ter claramente nos textos (sejam os setoriais quanto os introdutórios) a imparcialidade no discurso, pois os mesmos podem influenciar numa idéia que o público pode adotar diante da situação apresentada, sendo esta, uma delicada posição que o museu deve observar.

Os objetivos das instituições que expõem sobre os atentados no 11 de setembro centram-se em torno da organização de um espaço que fale da morte para o público alvo que neste caso são os sobreviventes (parentes dos mortos ou aqueles que presenciaram os redemoinhos de poeira próximo das Torres, bem como os que estiveram nos resgates dos corpos) que estavam diretamente ou indiretamente ligada ao acontecimento. Assim, vida e morte atuam numa dialética de sentidos. E ao mesmo tempo que se promove o incômodo iconográfico quase visceral mantenedor da repulsa ao acontecido, também é necessária uma preocupação, por parte da equipe organizadora, em montar com alguma suavidade e cores claras o cenário proposto. As peças em si já dizem muito sobre a tragédia, as pessoas se comovem somente em vê-las, assim, a cenografia e os textos devem se contrapor à situação, devem ser aplicadas de uma forma coerente para que não haja pânico ou desespero com a realidade visualizada. Desse modo, são indicados ambientes espaçosos para existir uma distribuição adequada (e não asfixiante) do acervo voltado ao drama social, além da atenção com a garantia da acessibilidade as pessoas com deficiência e/ou idosos, demandando espaços desobstruídos para circulação.



Ao se organizar uma exibição de peças, seja de qual temática for, deve-se preocupar em dialogar o tema a uma cor, para que não impressione ou choque a análise ao objeto; as paredes e os corredores geralmente cobrem-se de plotagens ou vídeos; o chão e o teto, que possuem o papel de complementar não podem competir com as peças em exposição; as medidas dos suportes expositivos devem ser acessíveis as diversas medidas dos visitantes; deve-se estar atento à altura das obras, no caso dos quadros e fotografias (sendo medida padrão em diversas instituições 1,30m) entre outros encargos de responsabilidade do curador de exposição.

As exposições sobre o 11 de setembro, continuamente apresentam muitas fotografias realizadas por diversas pessoas. Logo, o diagrama expositivo requer um planejamento estratégico para não se colocar muitas imagens próximas as outras, pois as mesmas são memórias de dor para muitos visitantes, sendo assim, necessitam de certo distanciamento para não perturbar a mente de quem as observa, cuidando-se não misturar dados e surtir comunicações equivocadas diante da imagética. Além disto, estudos demonstram que em média, as pessoas não gastam mais do que 30 a 45 segundos observando um painel ou vitrina, e caso estejam próximos, informações inadequadas podem parecer verídicas, o que é extremamente preocupante na montagem e concepção de uma exposição (CRESPO FILHO, 2005).

Por reunirem imagens que mostram o durante e o após aos desabamentos as exposições devem selecionar imagens que melhor ilustrem a idéia apresentada. Para a salvaguarda dos materiais, sejam de particulares ou de instituições de memória, as peças disponíveis selecionadas à exposição precisarão de higienização e catalogação, além de que deverão ser fotografadas (para posteriormente a exposição verificar se houve danos), entre outros dados relevantes.

Na exposição iconográfica, o instrumento expositivo Painel é um dos mais indicados. Este, que normalmente é utilizado na exposição de documentos, fotografias, gravuras, mapas, desenhos, textos informativos, etc., é em geral, confeccionado em madeira, PVC, acrílico, vidro, podendo ser reto ou curvo, simples, articulado ou combinado com pedestais, plataformas e vitrinas,^{VIII} próprios para disposição do material iconografico.

Diante do encontro sensível que as imagens apresentam ao público sobre os ataques as Torres Gêmeas, a iluminação sobre a imagem deve ser delicadamente arquitetada, pois a mesma tem a influência de remontar o temor frente à imagética. A iluminação tem a finalidade tornar o foco visível por meio da criação de contrastes dentro do objeto ou entre o objeto e o fundo em que se encontra. Ao ser planejado devem levar em conta a natureza da luz (artificial ou natural), a qualidade (não é sugestivo deixá-la desfocada) e a intensidade da luz (não sendo adequado o uso abusivo, tão pouco, pequenas quantidades de radiação).

A iluminação, imprescindível numa exposição elaborada, no caso das imagens, é indicada lâmpadas refletoras que ressaltem as faces, que são vistas contra um fundo escuro. A quantidade e qualidade de luz necessária e suficiente serão medidas em “lux” e a sua qualidade em “graus Kelvin”. Estes são os métodos indicados para tal finalidade.

A informação passada através dos textos, folders ou guias, para ser eficiente, depende não somente da museografia proposta, mas, principalmente, da concisa comunicação, uma redação simples e objetiva (para o entendimento dos diversos públicos), linguagem direta e despretensiosa, sobretudo pela suscetibilidade a qual o público alvo (pessoas atingidas diretamente ou indiretamente pelos atentados as Torres Gêmeas) será exposto.

Ao organizar os textos que estarão presentes, deve-se observar a narrativa passada com bastante precisão (pois além de estarem trabalhando com um fato relativamente recente, muitas pessoas ainda estão em busca dos destroços de pessoas que recordam). Ao confeccioná-las, indica-se nos textos introdutórios 50 palavras, nos setoriais 50 palavras e nas etiquetas 40 palavras, podendo ultrapassar ou diminuir numa quantidade proporcional. Esta estatística foi gerada através de uma constatação que realizaram sobre as leituras que o público faz dos textos nos museus: “em média, o adulto lê a uma velocidade de 250 a 300 palavras por minuto, e o tempo médio de observação é de 30 a 45 segundos”(CRESPO FILHO, 2005, p. 142).

As etiquetas são utilizadas para identificar e fornecer informações sobre o exposto. O comprimento de cada linha não é sugestivo ultrapassar 65 a 70 caracteres (contando os espaços), o uso de letras maiúsculas reduz o tempo de leitura em 15 %, o tamanho das letras deve ser proporcional à distância em que o texto será lido. Quando são extensas, deve primeiro colocar a informação principal, depois a secundária e, por fim, os detalhes; o papel

da etiqueta deve estar de acordo com a cor da forração da vitrina ou do fundo do painel; as posições das etiquetas devem estar numa posição confortável para a leitura por parte do visitante, normalmente colocadas no lado inferior direito do referido.

Ao conceber um projeto expográfico com esta temática, o público alvo pode se sentir tocado ou não com os expostos, bem como, pode induzir a revolta e a desesperança em não se poder rever a pessoa que de algum modo faz-se presente seja pela peça de roupa encontrada, objetos, entre outros símbolos que remetam a dor da perda. Sobre a reação à comunicação, Fausto Henrique Santos diz:

O comunicador busca afetar reações de uma pessoa ou grupo de pessoas que não a sua própria pessoa. Sua mensagem pode ser captada pela pessoa a quem se destinava ou por quem não se destinava a mensagem. E também por ambas. A distinção entre receptores pretendidos e receptores não pretendidos é importante. (2000, p.60).^{IX}

Sendo assim, as exposições que foram e serão dedicadas aos atentados as Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2011, despertam no público emoções díspares reunidas ao mesmo tempo: a saudade das pessoas próximas que se foram, um conforto em ver as homenagens prestadas à memória daqueles que faziam parte do seu convívio, a revolta pela incapacidade de salvar os que se foram, a angústia em rever fatos que fizeram parte de um momento delicado de sua vida, enfim, as exposições possuem este caráter pessoal e intransigente.

Para Ulpiano Bezerra de Menezes: “Exilar a memória no passado é deixar de entendê-la como força viva do presente. Sem memória, não há presente humano, nem tampouco futuro. Em outras palavras: a memória gira em torno de um dado básico do fenômeno, a mudança.” (1987, p.185).

Considerações Finais

O ato de terror ao Centro Mundial dos Negócios gerou perdas significativas, não somente os Estados Unidos da América, mas diversos países periféricos. No caso do Brasil, por exemplo, brasileiros foram mortos nestes ataques e pessoas próximas a estas vítimas visitam as exposições, bem como, pessoas de diversos países do mundo. Alguns corpos não foram encontrados, e em algumas dessas mostras, não há textos ou outros meios comunicativos que



homenageiem os desaparecidos abrindo uma fissura na tentativa de se impor a memória sobre o esquecimento. Sobre situações semelhantes, Teresa Scheiner explica que o exercício do controle termina por limitar a percepção, a emoção e a compreensão por parte do observador (1991, p.1).

O caráter sentimentalista das exposições dedicadas ao tema da memória da dor pressupõe uma narrativa de estímulo a percepção, provocação das emoções, convidando cada indivíduo a identificar-se com o drama através de um olhar voltado para uma janela de um passado sempre manifesto no presente.

Com uma tipologia social voltada aos acontecimentos mundiais, sobretudo abrangendo os assuntos os mais conflitantes e detentores de discussões contemporâneas, são as exposições circulares, de curta, média ou longa duração os cavaletes onde historiadores, cientistas sociais, filósofos e cientistas políticos pintam o cenário de um tempo presente marcado pelo passado recente. Entre matizes de diversos tons, formas e contornos bailam nos desígnios da vida que se renovam frente às mudanças, mesmo as provocadas pela morte.

Notas

^I Doutora em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professora Adjunta do Núcleo de Museologia e do PROARQ – Mestrado em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisadora FAPITEC-SE/CNPq.

^{II} Graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Monitora das disciplinas Fundamentos de História do Brasil e Tópicos Especiais em História (PROGRAD) desde 2010. PIXVOL-PROEX (2010-2011).

^{III} Conf. <http://www.glitztv.com.br>. (Acesso em 20/08/2011)

^{IV} Ver. Artigo Sociedade Histórica de NY prepara exposição sobre 11/9, de 25 de julho de 2011 In:[http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5260726-EI8141,00-](http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5260726-EI8141,00-Sociedade+Historica+de+NY+prepara+exposicao+sobre.html)

[Sociedade+Historica+de+NY+prepara+exposicao+sobre.html](http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5260726-EI8141,00-Sociedade+Historica+de+NY+prepara+exposicao+sobre.html) (Acesso em:08/08/2011)

^V Conf. <http://www.nyhistory.org> (Acesso em 08/08/2011)

^{VI} Conf. <http://www.glitztv.com.br> (Acesso em 20/08/2011)

^{VII} Conf. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u39203.shtml> (Acesso em: 20/08/2011)

^{VIII} Vitrina: termo utilizado na linguagem museológica para referir-se à vitrine.

IX O autor faz menções em seu artigo às metodologias aplicadas em museus, especialmente, os paulistas.



Referências Bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena. “Política cultural, cultura política e patrimônio histórico” In: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA/Departamento do Patrimônio Histórico. **Congresso Internacional “Patrimônio Histórico e Cidadania”**. São Paulo: DPH/SMC, 1991.
- CRESPO FILHO, Jayme Moreira. **Preservação e difusão do patrimônio cultural do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LOUZADA, Nilson Moulin. “Diferentes suportes para a memória”. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA/Departamento do Patrimônio Histórico. **Congresso Internacional “Patrimônio Histórico e Cidadania”**. São Paulo: DPH/SMC, 1991.
- MENESES, Ulpiano Bezerra de. “Identidade Cultural e Arqueologia”. In: BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: Temas e Situações**. São Paulo: Ática, 1987.
- NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: A problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, dez.1993.
- SANTOS, Fausto Henrique. **Metodologia Aplicada em Museus**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.
- SCHEINER, Tereza. **Museus e exposições**. Rio de Janeiro: Setembro de 1991.
- VALLADARES, José. **Museus para o povo**. Salvador: Publicação do Museu do Estado da Bahia nº6, 1946.

Sitografia

<http://www.nyhistory.org> (Acesso em 08/08/2011)

Artigo Sociedade Histórica de NY prepara exposição sobre 11/9, de 25 de julho de 2011

In: <http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5260726-EI8141,00->

[Sociedade+Historica+de+NY+prepara+exposicao+sobre.html](http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI5260726-EI8141,00-Sociedade+Historica+de+NY+prepara+exposicao+sobre.html) (Acesso em:08/08/2011)

<http://www.glitztv.com.br> (Acesso em 20/08/2011)

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u39203.shtml>.(Acesso em 20/08/2011)



GRUPO DE ESTUDOS DO
TEMPO PRESENTE

Cadernos do Tempo Presente – ISSN: 2179-2143

Edição n. 05– 05 de outubro de 2011, www.getempo.org

